

SALVADOR

salvador@grupoparade.com.br

REGIÃO METROPOLITANA

MASSARANDUBA Preso confessa morte de comerciante e diz que fez 'coisa errada'

www.atarde.com.br



Mila Cordeiro / Ag. A TARDE

Na corrida para não deixar de fazer o cadastramento, centenas de pessoas foram, ontem, ao posto do Tribunal Regional Eleitoral da Bahia (TRE-BA), localizado no CAB

CIDADANIA Índice é pouco mais da metade de 1,9 milhão de aptos a votar. Prazo termina no dia 31 de janeiro de 2018

Capital cadastrou apenas 52,9% dos eleitores

YURI SILVA

A um mês e meio do fim do recadastramento biométrico eleitoral, marcado para acontecer obrigatoriamente em 53 municípios baianos até o dia 31 de janeiro de 2018, Salvador só tem cadastradas as digitais de 1,055 milhão de eleitores.

Isso representa 52,9% do 1,9 milhão de pessoas aptas a votar na capital baiana – número que ainda não é a marca de 75%, considerada pelo Tribunal Regional Eleitoral da Bahia (TRE-BA) o mínimo aceitável em um processo de revisão do eleitorado como esse.

Os dados, atualizados on-

tem pelo órgão, apontam ainda que, em todo o estado, somente 4,6 milhões dos 10,6 milhões de eleitores (43,49%) fizeram a identificação biométrica. O número supera a meta do TRE-BA, que esperava a biometrização de pelo menos 40% do eleitorado baiano este ano.

O objetivo do recadastramento era atingir três milhões de atendimentos este ano – número que também foi superado, com a biometrização de 3,16 milhões de pessoas até ontem.

Procura

Na corrida para não deixar de fazer o cadastramento – o que resulta em prejuízos, co-

mo a impossibilidade de fazer passaportes, RG e até de assumir cargo público –, centenas de pessoas foram, ontem, ao posto do Tribunal Regional Eleitoral da Bahia (TRE-BA), localizado no Centro Administrativo da Bahia

“Está muito organizado, o atendimento é bom e foi rapidinho”

GLÓRIA REGINA, dona de casa

(CAB), na avenida Luiz Viana, a Paralela.

Atendimento rápido

O grande movimento provocou, desde a manhã até o final da tarde, uma fila quilométrica, que tomou conta do vão livre embaixo do prédio do órgão. Apesar disso, os eleitores relataram a equipe de reportagem de A TARDE o andamento normal do atendimento.

Entre elas estavam as amigas Samara Santos, 18 anos, Cássia Cruz, 18, e Jéssica Patrícia, 22, que conseguiram regularizar a situação eleitoral “em menos de uma hora”, conforme contabilizaram as próprias.

Elas contaram que, apesar de terem demorado para procurar o TRE, o fizeram “para não perder o Bolsa Família”. No caso de Samara, o motivo foi o desejo de fazer concurso público.

As 16h14, após duas horas de espera na fila, a dona de casa Glória Regina, 53, também já havia sido atendida. Ela, que foi ao TRE na expectativa de não pegar filas, por ser final de ano, elogiou o atendimento, apesar da quantidade de eleitores que também foram ao local. “Está muito organizado, o atendimento é bom e foi rapidinho”, classificou.

O mesmo foi relatado pelo auxiliar de padaria Marcelo

Bispo, 54 anos, que, para guardar o lugar da esposa na fila, foi ao CAB ontem à tarde. Ele, que percorreu a extensa fila em 45 minutos, já tinha feito a própria atualização cadastral há 15 dias.

“Quando eu vim, sofri. Cheguei 8h e sai 15h30. Mas hoje foi bem tranquilo”, contou Marcelo, por volta de 16h20, quando já era o próximo a ser chamado.

A esposa dele, porém, ainda não tinha chegado – o que beneficiou a próxima da fila, a promotora de vendas Catiene Moreira, 37. “Já estive perto, chegam aqui 14h e já estou sendo atendida. Achei que ia demorar, mas foi muito rápido”, avaliou.

CASAMENTO

Cerimônia coletiva oficializa união de 50 casais em Amaralina

FRANCISCO ARTUR

O nervosismo tomou conta do pedreiro Anderson Bastos quando chegava o momento de ele oficializar o matrimônio com a cuidadora de idosos Suzana Barbosa.

Os dois participaram ontem, no Quartel de Amaralina, do casamento coletivo para 50 casais que são atendidos nas unidades da Secretaria Municipal de Promoção Social e Combate à Pobreza (Semps).

Organizado pela pasta, em parceria com o Tribunal de Justiça da Bahia (TJ-BA), o evento teve o objetivo de oficializar, de forma gratuita, a união de famílias atendidas pelos Centros de Referência da Assistência Social (Cras). Mesmo com a ansiedade no comportamento de Anderson, Suzana manteve o sorriso no rosto.

“Estou muito feliz, pois sempre esperei por este momento”, disse, bastante animada sobre a expectativa de casar com a pessoa com quem convive há 16 anos.

Durante a cerimônia, os dois aproveitaram para curtir a beleza natural da vista do Quartel de Amaralina. “O mar como cenário, junto com esta brisa, transmite paz. Espero que sejamos felizes para sempre”, desejou a noiva Suzana.

História

Após o anúncio do beijo aos casais, feito por um bispo convidado pela organização do evento, a aposentada Antonieta Santos, 67 anos, sen-

tiu-se aliviada. A sensação é resultado da oficialização do relacionamento que tem com o também aposentado Ubiratã Almeida. “Só o sentimento de amor eterno pode definir este momento”, contou.

Já Ubiratã ressaltou a riqueza da história dos dois, que estão juntos há mais de meio século. “Éramos adolescentes quando nos conhecemos, e já passamos por momentos que provaram o nosso amor. Agora, estamos aqui firmes e mais unidos”, reforçou Ubiratã.

Confiança

Foi durante a recuperação de um câncer no estômago que

a bordadeira Daniele Cruz teve a confirmação de que iria continuar o relacionamento com o pedreiro Josenilson Sousa.

“Ele me deu muito apoio quando tive que passar por essa fase tão complicada da minha vida”, justificou Daniele, ao transmitir um voto de “eterna confiança” ao atual marido.

Juntos há mais de 10 anos, o casal tem três filhos. “O nascimento e a criação de Cauã, Brenna e Bruna fortaleceram, todos os dias, o nosso relacionamento”, afirmou Josenilson.

* SOB A SUPERVISÃO DA EDITORA MEIRE OLIVEIRA



Antonieta e Ubiratã estão juntos há cerca de 50 anos

BAHIA ANTIGA

Livro sobre a memória da Baixa dos Sapateiros é lançado hoje

GABRIELA MEDRADO

Uma misteriosa senhora com traços que não falava uma palavra sobre seu passado. Um guardador de carros que andava fardado e tinha uma “fórmula secreta” de limpeza. Um comerciante que burlava o fisco com uma “sala secreta”. Estas são algumas figuras notórias que podiam ser vistas na Baixa dos Sapateiros em seu auge, entre os anos 70 e 90, e hoje emprestam sua história ao livro *Na Baixa dos Sapateiros*, escrito por Leopoldo Bokor.

Em sua obra, ele volta aos tempos de glória da rua, que chegou a possuir o primeiro cinema teatro de Salvador, o Jandaia, e traz casos e curiosidades envolvendo mais de 30 personagens. A publicação será lançada hoje, às 10h, na Biblioteca Goethe-Institut – Instituto Cultural Brasil-Alemanha, no Corredor da Vitória.

Leopoldo trabalhou durante 40 anos na rua Dr. J. J. Seabra, que passou a ser conhecida como Baixa dos Sapateiros, e morou também próximo à área. “Nesses anos a gente cria um vínculo com o lugar, com as pessoas. Quando parei de trabalhar lá veio aquela vontade de relatar minha vivência, junto com aqueles personagens. Não sei se é uma homenagem ou uma recordação”, conta.

No livro, as figuras mais “pitorescas” da Baixa dos Sapateiros têm histórias reveladas através de cenas que o

próprio autor viveu com trabalhadores e frequentadores locais, e também com a ajuda de contos populares. “Algumas histórias são verdadeiras, outras vêm de boatos que escutava”, diz. A figura mais conhecida, e talvez a única ainda lembrada hoje, é a Mulher de Roxo, que se tornou quase uma lenda urbana e já foi tema de reportagens e documentários.

“Por não falar sobre sua história, inventaram muitos boatos, como o de que ela foi abandonada no altar. Ela vivia no albergue diante da minha loja, e nunca vi pedir esmola. Diziam que ela só ia pedir na rua Chile”, recorda.

“Naquela época, era gente para todo lado, ocupando toda a rua”

LEOPOLDO BOKOR, escritor

Personagens como a Mulher de Roxo figuram nas páginas da publicação

A senhora, que dizem se chamar Florinda Santos, andava em trajes roxos semelhantes a um hábito de freira e usava um crucifixo enorme.

O autor trouxe também figuras menos conhecidas. Ele testemunhou o auge e decadência da rua, que foi um dos maiores centros comerciais da cidade entre as décadas de 70 e 90. “Naquela época era gente para todo lado, ocupando toda a rua, e os funcionários dos bancos corriam até as lojas para pegar os depósitos, porque não tínhamos tempo para parar o atendimento”, conta.

A Baixa dos Sapateiros começou a perder popularidade após o surgimento do comércio popular na Avenida Sete de Setembro, além da abertura dos primeiros shopping centers da cidade. Leopoldo, após desistir de sua loja, se tornou representante comercial, e há dois anos começou a escrever o livro de 88 páginas, publicado pela editora Expoart. A obra traz fotografias e ilustrações de dos artistas plásticos Antonello L’Abbate, César Romero, Chico Liberato, Chico Mazzoni e Sante Scalfaferrì. O lançamento tem apoio do Programa Estadual de Incentivo à Cultura – FazCultura, e da RedeMix. Ele será distribuído gratuitamente em escolas e pontos de cultura e estará disponível online no site adorler.com.br.

* SOB A SUPERVISÃO DA JORNALISTA HILCÉLIA FALCÃO